

ENSINO RELIGIOSO E OS DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS: NECESSIDADE DE NOVOS OLHARES - UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

MSc.Elisângela Madeira Coelho - IFES¹

RESUMO

Este artigo tem por objetivo analisar como a diversidade religiosa está sendo trabalhada na educação brasileira, para educar os cidadãos ao convívio respeitoso na sociedade? Com vistas a responder esta questão, utilizou-se a pesquisa qualitativa, com método histórico e fundamentou-se na análise bibliográfica. Cabe à escola enquanto lugar de trânsito de culturas, de encontro, de relações com múltiplas diversidades, socializar o conhecimento historicamente produzido pela humanidade, com sua riqueza de identidades, linguagens, símbolos e valores, promovendo a liberdade religiosa dos cidadãos, disponibilizando saberes e práticas de todas as culturas, tradições/grupos religiosos e não religiosos. Procuramos demonstrar os processos de mudança e inovação nas escolas, uma vez que está vem sendo desafiada a rever sua missão, seu currículo ou a construir novas estratégias de ensino e aprendizagem.

Palavra-chave: Identidade Religiosa, Diversidade, Currículo, Práticas Pedagógicas.

ABSTRACT

This article aims to analyze how religious diversity is being worked in Brazilian education, to educate citizens to respectful coexistence in society? In order to answer this question, we used qualitative research, with historical method and was based on bibliographic analysis. Is the school as a place of transit of cultures, meeting, relations with multiple diversities, socialize knowledge historically produced by humanity, with its wealth of identities, languages, symbols and values, promoting the religious freedom of citizens, providing knowledge and practices of all cultures, traditions / religious groups and non-religious. We demonstrate the processes of change and innovation in schools, since it is has been challenged to review its mission, your resume or build new teaching and learning strategies.

Key words: Religious Identity, diversity, curriculum, teaching practices.

¹ Pedagoga – Supervisora Escolar – IFES Instituto Federal de Ciências e Tecnologia do Espírito Santo – Campus Itapina – Colatina – ES – Brasil - Mestre em Ciências das Religiões pela Faculdade Unida de Vitória – ES
elismadeira@yahoo.com.br

Diversidade Cultural e Religiosa: Um convite a práticas pedagógicas.

O ser humano, segundo Freire, de natureza finita e inconclusa, percebe-se condicionado por fatores genéticos, culturais e sociais, aos quais se encontra sujeito, mas jamais sendo determinado por eles, pois tem a história como tempo de possibilidade e superação. Movido pela curiosidade, indaga, questiona e busca formas de ser mais e melhor, faz e constrói história. (FREIRE) O Ensino Religioso na sua articulação prescinde de alguns aspectos fundamentais para a sua concretização, como por exemplo, as contribuições das áreas afins, a busca permanente pelo sentido da vida, a superação da fragmentação das experiências e da realidade, o pluralismo religioso, a compreensão do campo simbólico e a necessidade de evitar o proselitismo. Através dos eixos temáticos e da concepção de que a atuação do ser humano não se limita às relações com o meio ambiente e às relações sociais, mas sim está sempre em busca de algo que transcende essas realidades. Assim como a diversidade, os processos e a luta pela inclusão na educação básica exigem mais do que a inserção das pessoas excluídas, exige posicionamento político, infraestrutura adequada, reorganização do trabalho na escola, do tempo e do espaço escolar, da formação de professores e funcionários. Também exigem a criação e a ampliação de espaços dialógicos com as comunidades escolares e a sociedade civil, pois só há educação, no sentido pleno do termo, se ela for inclusiva e reconhecer a diversidade. O Ensino Religioso nas escolas sendo bem definido, enquanto sua concepção de mundo, seu papel e limites têm a possibilidade de trabalhar para promover a igualdade e a inclusão social. A diversidade pode ser entendida como uma construção histórica, cultural e social (inclusive econômica) das diferenças. Hoje, os oprimidos, na sua falta de participação social, podem ser chamados de excluídos. Entende-se, pois que tal ensino só poderá ser instrumento da construção cidadã a partir de um modelo que privilegie o fenômeno religioso como acontecimento humano. Quando se busca novos caminhos é preciso ter em mente os objetivos, as possibilidades desse caminho. Pensar a prática requer exatamente isso, deixar o ativismo de lado e planejar de forma comprometida e responsável o desenvolver dos conteúdos a partir das diferentes faixas etárias, bem como metodologias que ajudem a trabalhar com uma abordagem a partir das experiências de vida de cada aluno presente nas manifestações que ocorrem na escola. O acontecer humano faz-se múltiplo, imprevisível e diverso. É na cultura da escola que a diversidade do fenômeno religioso manifesta-se na multiplicidade de comportamentos, atitudes, valores, símbolos, significados, linguagens. Ao analisar culturas e povos distintos, constata-se a presença de elementos heroicos no imaginário e na vivência cotidiana, tanto na cultura oriental quanto na cultura ocidental. As religiões fazem parte da cultura humana, e, portanto, cada religião é peculiar, por expressar diferentes linguagens, diferentes formas de acreditar, de celebrar, de rezar, e de relacionar-se com alteridade e de simbolizar de formas diferentes esses fenômenos religiosos vivenciados pelos membros de cada cultura. Junqueira ressalta que os conhecimentos transmitidos na escola se recriam e recebem um novo sentido, quando é produto de uma construção dinâmica que se opera na interação constante entre o saber formal escolarizado e os demais saberes, entre o que ele aprende institucionalmente e o que traz consigo para o espaço escolar, em um

processo contínuo, permanente de aquisição, no qual interferem fatores políticos, sociais, culturais e psicológicos. Esse mesmo autor destaca que o papel da educação seja das pessoas como da sociedade é ampliado e indica para a necessidade de vislumbrar uma escola voltada para a formação de cidadãos. Sendo assim, o progresso científico e os avanços tecnológicos definem exigências novas para os jovens que ingressarão no mundo do trabalho, portanto, tal demanda impõe uma revisão dos currículos que orientam o fazer cotidianamente realizado pelos professores e especialistas em educação em nosso país. (JUNQUEIRA). Isso significa que o Ensino Religioso, em consonância com o preceito de Maduro sobre o conhecimento, deve buscar pelas verdades dos fenômenos religiosos sem estabelecer um ou outro como parâmetro para avaliar esta ou aquela ideia sobre transcendente (MADURO). O ensino deveria unir o pensamento científico, que separou os conhecimentos em áreas e não consegue reuni-los, e o pensamento humanista, que, muitas vezes, ignora a ciência e alimenta interrogações sobre a vida humana. Para Morin, o mais importante do que acumular o saber, é dispor ao mesmo tempo de uma aptidão geral para colocar e tratar os problemas e construir princípios organizadores que permitam ligar os saberes e lhes dar um sentido (MORIN). Saber o que fazer com o conhecimento, com a informação diante dos problemas que a vida nos apresenta, é a competência que devemos desenvolver em nossos ambientes educativos. De acordo com Junqueira,

O Ensino Religioso, ao caracterizar-se como um espaço de conhecimento, explicita para o educando o papel das relações sociais, mostrando a construção da identidade cultural das comunidades realizada nas diferentes tradições religiosas, capazes de interferir de diferentes formas no estabelecimento dos parâmetros organizacionais da sociedade. (JUNQUEIRA)

A diversidade torna-se, então, uma das características mais destacáveis do cotidiano escolar, sobretudo, porque, em cada conjunto de atividades, coexistem elementos com sentidos diferentes. Neste caso, podemos citar como exemplo, que tanto o Ensino Religioso como a Educação Ambiental podem propor um ensino crítico da simbologia religiosa e ideológica de nossa sociedade: Educar para a cidadania e a consciência ambiental. A construção de cidadania está ligada não somente à capacidade de consumo dos indivíduos, mas nas capacidades e nos conhecimentos que promovem a integração da pessoa em sociedade para transformá-la num lugar melhor para o viver e conviver da vida humana e das muitas outras formas de vida. O Ensino Religioso trabalha as relações da pessoa consigo mesma, com as outras pessoas, com o Transcendente, o seu lugar no mundo, suas buscas, inquietações e sentido da vida. A tarefa maior da educação, é a construção da pessoa humana integral, ética, solidária, cidadã. Percebemos que a juventude se caracteriza de acordo com seu contexto social, embora esteja marcada por peculiaridades biológicas e emocionais, que o aluno, em sua maioria, em contextos de exclusão, seja por fatores de escolaridade, trabalho, inclusão digital, religião, gênero, cor ou classe social. E dentro destes contextos o jovem se relaciona com a religiosidade, a cultura e a mídia. As diversas e mutantes

tribos são caracterizadas e identificadas pela música e pela arte que consomem. O mundo da cultura aparece como um espaço privilegiado de práticas. Representações, símbolos e rituais, no qual os estudantes buscam demarcar uma identidade juvenil. A busca pelo sentido da vida torna-se uma constante na vida da maioria dos jovens que, por sua vez, se depara com a necessidade de fazer as principais escolhas que nortearão os rumos de seu viver. A escola é o lugar de construção e socialização dos conhecimentos historicamente produzidos e acumulados pela humanidade. Ao trabalhar a diversidade dos conhecimentos humanos, ampliam-se horizontes para o educador e para o educando, proporcionando uma abertura para a consciência de que a realidade em que vivem é apenas parte de um mundo complexo, fascinante e desafiador. Madalena Freire escreveu que não existe reflexão que não leve sempre a constatações, descobertas, reparos, aprofundamentos. E, portanto, que não nos leve a transformar algo em nós, nos outros, na realidade. (FREIRE Madalena). A alteridade, cujo prefixo latino *alter*, tem como significado alguém se colocar no lugar do outro numa relação interpessoal, com consideração, valorização, identificação e disposição para dialogar com o outro. A prática da alteridade se conecta aos relacionamentos entre indivíduos, grupos culturais religiosos, científicos, étnico-raciais. As tradições religiosas nos levam ao conceito de Religião (do latim *religare*, significando religação com o divino) é um conjunto de sistemas culturais e de crenças, além de visões de mundo, que estabelece os símbolos que relacionam a humanidade com a espiritualidade e seus próprios valores morais. Dessa forma a atividade pedagógica quando significativa e com métodos contemporâneos pode incentivar os estudantes a desenvolver a empatia, como, estabelecer um diálogo entre Arte, Ensino Religioso e o fazer musical, todo esse processo é uma forma de criação e de formação social. Segundo Machida, o papel do educador de Ensino Religioso pode ser sinal de esperança para os alunos, como expressão de alguém que estabelece um compromisso real de educar para a alteridade, para o desenvolvimento humano, a solidariedade e a compreensão, orientando-os para um único objetivo: a paz nas relações humanas. (MACHIDA). O fazer pedagógico não é reproduzir conteúdo, mas de criar respostas originais para atingir a fonte geradora dos problemas, e isso requer formação contínua. Reencantar a educação significa colocar a ênfase numa visão de ação educativa como ensejamento e produção de experiências de aprendizagem. De acordo com Remí Klein, educar não é tarefa fácil diante de tão complexa e delicada realidade social, num mundo em que o imediatismo e o hedonismo apresentam discurso forte, sendo que o/a professor/a de Ensino Religioso pode bem se apropriar de temas que proporcionem aos estudantes compreenderem e descobrirem as chaves do mundo em que vivem. Para compreender o universo escolar e para este ter um sentido ético é preciso levar o ser humano a um maior conhecimento de si mesmo. (KLEIN). O mesmo autor, relata que conhecer o contexto social de seus/suas alunos/as para compreender atitudes de violência, significa conhecer estratégias consideradas psicopedagógicas pelos pais. Muitos desses jovens repetem na escola os maus-tratos sofridos em casa e na comunidade local. Isso significa que a disciplina deve conectar-se com as realidades sociais nas quais se situa e nas quais pode intervir. Diante desse contexto, diversas são as metodologias e os instrumentos que podem ser trabalhados e desenvolvidos em sala de aula. O educador de Ensino Religioso tem na arte religiosa um

motivador, pois tanto a religiosidade quanto a arte expressam a sensibilidade, a plenitude da vida, lançada à luz da história. As expressões dos valores de um tempo, de um período histórico, concretizam-se e fornecem-nos noções claras da ética, da doutrina e da fé revelada, no período em que se insere, através desta dualidade arte/religião. Outro exemplo que citamos é a música. Em seu sentido primordial, os termos música e religião nos conduzem pelo caminho da experiência e da ligação entre o ser humano e o divino, modificando a forma de escutarmos o mundo ao nosso redor. E essa experiência vivida através da música, assim como da religião, torna-se essencial para a formação do ser humano a partir do momento em que nos permite enxergar a nós mesmos e tecer nosso olhar para a vida. Para tanto, sabemos de que a música não é uma linguagem universal, é importante ter a consciência de que os seus processos de transmissão – ensino e aprendizagem também não são. Da mesma forma, podemos reconhecer a existência de diferentes mundos musicais dentro de uma cultura, cada um com a sua importância e significado próprio, é preciso que a educação musical tenha processos de ensino e aprendizagem, dentro de qualquer contexto que vise a formação musical do indivíduo, que contemplem diferentes abordagens educacionais. Abordagens que devem ser adequadas a cada situação cultural e que consigam dialogar com os múltiplos contextos em que se ensina, aprende e vive música. Grossi relata que

Os meios tecnológicos, a serviço da comunicação, da informatização e da indústria fonográfica têm transformado significativamente o cotidiano de todos nós. Atualmente, a indústria da música produz e lança no mercado grande variedade de gêneros e estilos, indo do ocidente ao oriente, do passado ao presente, incluindo diferentes etnias, com abrangência do popular ao erudito. A globalização diminui as fronteiras musicais, e mesmo que perpetuando a hegemonia da cultura dominante, contribui para a divulgação da música popular de diferentes países. (GROSSI)

Assim, fica evidente a ideia de que a música tem rompido com as barreiras territoriais, invadindo e misturando valores característicos de distintos grupos, influenciando culturas e efetivando, muitas vezes, uma dominação das mais priorizadas e divulgadas pela mídia e pela indústria cultural. A música está presente em todos os espaços, Dayrell nos apresenta que devido a diversidade, os sons se multiplicam porque

É muito variada a forma como cada sociedade, em um tempo histórico determinado, e, no seu interior, cada grupo social vai lidar com esse momento e representa-lo. Essa diversidade se concretiza com base nas condições sociais (classes sociais), culturais (etnias, identidades religiosas, valores) e de gênero, e também das regiões geográficas, dentre outros aspectos. (DAYRELL)

A partir da nova concepção de Ensino Religioso, permeada pela ideia de respeito à diversidade cultural e religiosa, essa questão recebe especial importância. Uma pretensa ideia de unidade e de respeito ao diferente é apregoada como possível através da expressão própria de cada confissão na sala de aula. De acordo com Moreira e Caudau, à palavra currículo associam-se distintas concepções, que derivam dos diversos modos de como a educação é concebida historicamente, bem como das influências teóricas que afetam e se fazem hegemônicas em um dado momento. Diferentes fatores socioeconômicos, políticos e culturais contribuem, assim, para que o currículo seja entendido como: conteúdos a serem ensinados e aprendidos; experiências de aprendizagem escolares a serem vividas pelos alunos; planos pedagógicos elaborados por professores, escolas e sistemas educacionais e objetivos a serem alcançados por meio do processo de ensino. Para estes autores, o currículo abrange as experiências escolares que se desdobram em torno do conhecimento, em meio a relações sociais, contribuindo para a construção das identidades dos sujeitos. Currículo associa-se, assim, ao conjunto de esforços pedagógicos desenvolvidos com intenções educativas. É por intermédio do currículo que as coisas acontecem na escola (MOREIRA E CAUDAU). Para Sacristán, currículo,

[...] é a consequência de se viver uma experiência e um ambiente prolongados que propõe – impõe – todo um sistema de comportamentos e de valores e não apenas de conteúdos de conhecimento a assimilar, [...] a soma de todo o tipo de aprendizagens e de ausências que os alunos obtêm como consequência de estarem sendo escolarizados. (SACRISTÁN)

As diferentes vivências, percepções e elaborações integram o substrato cultural da humanidade, cujos relatos e registros elaborados sistematicamente por diferentes grupos sociais se constituem em uma rica fonte de conhecimento a instigar e a desafiar, as gerações vindouras. Conhecer significa captar e expressar as diferentes dimensões das comunidades de forma mais ampla e integral, pois o cotidiano escolar é um dos espaços onde, continuamente, transitam sujeitos e conhecimentos, cujas vivências e redes de significados se percebem entretecidas com questões que circunscrevem e indicam a presença do religioso.

O fazer Pedagógico: Metodologias Aplicadas.

Para Rubem Alves é fácil identificar, isolar e estudar a religião como o comportamento exótico de grupos sociais restritos e distantes. Mas é necessário reconhecê-la como presença invisível, sutil, disfarçada, que se constitui num dos fios com que se tece o acontecer do nosso cotidiano. A religião está mais próxima de nossa experiência pessoal do que desejamos admitir. O estudo da religião, portanto, longe de ser uma janela que se abre apenas para panoramas externos, é como um espelho em que nos vemos (ALVES). Uma escola comprometida com a vivência dos direitos humanos deve construir um currículo multicultural, que visa à formação para a cidadania e, para que esse processo ocorra, é

necessário levar em conta que os atores têm diferentes representações e racionalidades. O currículo deve, portanto, ser concebido tendo como parâmetro o contexto em que se configura e as práticas educativas na realidade, mediante as quais se expressa, considerando-se o currículo proposto, o projeto pensado/escrito e o currículo vivenciado, a prática do projeto pensado/aplicado, avaliado (EYNG). O currículo escolar é um dos mecanismos que forma a identidade dos indivíduos. É interessante olhar para dentro da escola e do currículo e verificar como as histórias estão sendo construídas e como se constrói os sentidos de pertencimento e exclusão. Diante deste contexto, propomos um trabalho diversificado no IFES – Campus Itapina, promovendo atividades que envolvem toda a comunidade escolar. Trabalhamos com alunos que cursam o Ensino Médio Técnico Integrado em Agropecuária e Zootecnia, Técnico Subsequente, Licenciatura em Ciências Agrícolas, Agronomia e Licenciatura em Pedagogia. Dentre as atividades propostas, destacamos: Coral de Libras: É uma forma de muitos ouvintes aprenderem a língua brasileira de sinais e participarem da inclusão do surdo na sociedade, além de ser uma maneira divertida, dinâmica e didática dos ouvintes valorizarem a nova língua e apropriarem-se dela. Acreditamos que o ouvinte pode ser um grande colaborador para o processo de inclusão de um sujeito surdo, basta ele aceitar o desafio e comprometer-se em aprender a língua dessa comunidade, exercendo assim a solidariedade.



No ano de 2014/2 tivemos o ingresso de um aluno surdo no curso de Graduação em Agronomia. Uma novidade para todos nós e um grande aprendizado. Contratamos de imediato um professor intérprete e como no currículo do curso de Licenciatura em Ciências Agrícolas tem o Componente Curricular de Libras, muitos alunos já se apropriaram da Língua de Sinais e isso muito facilitou o diálogo e a interação social do aluno surdo. Para complementar as atividades pedagógicas e ampliar o público a serem atendido, incluindo pessoas portadoras de necessidades especiais, principalmente, os deficientes visuais, foi proposta a criação de um Jardim Sensorial no espaço deste Campus, na modalidade de “Projeto de Pesquisa”, realizado pelo professor Marinaldo Francisco Zanutelli. Nesse espaço é possível o desenvolvimento de atividades lúdicas para estimular os sentidos do homem, na percepção e na integração deste com o meio ambiente. O objetivo da implantação do Jardim Sensorial no Campus

Itapina tem a finalidade de atender pessoas com necessidades específicas, principalmente, os deficientes visuais, assim como os não deficientes, ampliando assim as atividades pedagógicas dos cursos de Agropecuária, Zootecnia e de Graduação oferecidos pelo Campus. Conhecer a beleza da natureza pode ir muito além de enxergar suas cores e formas. Com esse projeto estamos possibilitando que todos tenham a natureza ao seu alcance. O Jardim Sensorial é aberto à visitação pública ampliando assim consideravelmente as atividades, pois a educação ambiental trata de valores que norteiam nosso relacionamento em sociedade e com o mundo natural, os beneficiados do jardim sensorial são pessoas de todas as idades que apresentam: deficientes visuais, deficiência auditiva ou tátil, déficit cognitivo, deficientes motores com alteração de marcha, equilíbrio e propriocepção, pessoas que necessitam de relaxamento e contato com a natureza para integração de seu corpo, mente e de seus sentidos, bem como proporcionando ao IFES Campus Itapina a possibilidade de atuação em suas áreas de excelência que é o Ensino, a Pesquisa e a Extensão, colocando o Instituto em lugar de destaque nessa função.



Todo este processo de inovação, pressupõe o ser humano como um elemento de relações: que comunica constrói – reconstrói convive; e a escola é convocada a contribuir para aprender fazer viver e conviver. Muitas vezes é por meio da religião que o homem se define em relação ao mundo e aos seus semelhantes. É a religião que empresta um sentido, constituindo fonte de informação. Ela funciona como um modelo para o mundo, orientando as ações e apresentando explicações a questões vitais (De onde vim? Para onde vou? Qual o sentido da existência?). A religião também fornece respostas às três ameaças que pesam ao longo da vida: o sofrimento, a ignorância e a injustiça. A religião pode ser considerada como um comportamento instintivo, característico do homem, cujas manifestações são observadas através dos tempos em todas as diferentes culturas, a partir da busca da compreensão de si e do mundo e da consideração aos fatos inconsoláveis e desconhecidos (JUNQUEIRA). Como nossos alunos são jovens adolescentes, percebemos essas inquietações e foi então que surgiu a ideia de promover uma manhã de Valorização à Vida, com músicas, danças e louvor.



Abordaremos algumas sugestões de atividades que podem ser planejadas com a equipe pedagógica e executadas com os alunos: palestras, Jornal jovem, Rádio da Escola: o canal da juventude, Poemas, Poesias, Paródias, Danças, Teatros, Sarau, Cinema, Revista em quadrinhos, Exposição de Quadros, Musical Temple, Movimentos Sociais no entorno da escola e bairros adjacentes, Organização de Blogs, Criação de Grupos em rede sociais. Para tanto, de acordo com Delors se faz necessário fundamentar a educação no aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos, aprender a ser. Reblin em seu livro “Para o alto e avante” quer lançar um olhar mágico e, ao mesmo tempo, crítico às “histórias de encantamento” que se fazem presentes no dia-a-dia, nos meios de comunicação de massa e, mais especificamente, nos quadrinhos. As histórias em quadrinhos, sobretudo o gênero da superaventura, que ambienta o universo dos super-heróis e de outros super seres do imaginário humano, tratam justamente das virtudes esquecidas e dos desejos escondidos. Eles carregam tanto um conteúdo cultural quanto um conteúdo religioso (embora essas duas “grandezas” não se encontrem em lados opostos); tanto um conteúdo psicológico quanto um conteúdo axiológico. De acordo com o mesmo autor, o propósito dos quadrinhos não é ser apenas uma “janela da realidade” (mesmo que tal janela tenha seus vidros embaçados), mas sim divertir, exorcizar a realidade, despertando a imaginação e elementos utópicos e valorativos (como o altruísmo, por exemplo) dos quais carece a sociedade (REBLIN). O Ensino Religioso pode envolver o jovem estudante numa dimensão individual-social através de atividades

extramuros que proporcionem ao adolescente desenvolver seu projeto de vida. Dependendo da metodologia utilizada, os jovens podem ser incentivados a desenvolverem trabalhos comunitários. Essas ações exercitam no estudante a empatia, o que faz com que o adolescente desenvolva dentro de si valores como a solidariedade e a justiça, independentemente de religião ou classe social. Através desta proposta de trabalho, o Ensino Religioso pode despertar no adolescente a autoconfiança e até mesmo a autoestima, pois, à medida que o jovem se conhecer melhor, tornar-se-á mais confiante de suas capacidades e agente na transformação social. Assim quando o educando participa de um determinado projeto, ele está envolvido em uma experiência educativa em que o processo de construção de conhecimento está integrado às práticas vividas. A partir dessa relação entre teoria e prática, trabalhar com uma metodologia inovadora quer ser um passo para aproximar o aluno de sua realidade, abordando o sentido global das relações entre as fontes de informações, mídias e tecnologias. O ser humano é um ser em revolução e transformação constantes. Hoje, suas raízes estão em determinada profundidade, amanhã, elas avançarão, e esse evoluir possibilitará que se reproduzam novas formas, sempre buscando o crescimento interior. Esperamos que possamos pensar e repensar a educação, como fala Edgar Morin “reformular o pensamento e repensar a educação”! (MORIN)

Conclusão

As pesquisas realizadas nos permitem afirmar que o Ensino Religioso requer uma metodologia e uma concepção paradigmática diferente daquela tendência tradicional de conduzir os processos educativos, pois nossa sociedade emerge das relações e vivências humanas, a escola e o docente necessitam refletir seu papel e lugar na construção da identidade humana. Trabalhar com os alunos de forma lúdica, olhando o Ensino Religioso como espaço para tratar de fenômenos religiosos, sociais, ambientais ou pessoais, ajuda a combater a fragmentação do conhecimento, ou seja, ver o conhecimento como um paradigma integrador para compreendermos a complexidade humana. Entendemos que o compromisso no processo por parte de toda comunidade escolar, pais de alunos e pesquisadores, em conexão com os anseios da população, poderá incentivar a seriedade com que deve ser tratada e discutida a disciplina de Ensino Religioso, o que passa necessariamente por redefinição de diretrizes curriculares, políticas públicas, formação, valorização docente, para que o componente curricular de Ensino Religioso possa receber o seu devido tratamento epistemológico, pedagógico e metodológico em nossas escolas.

Referências Bibliográficas

EYNG, A. M. Projeto Político Pedagógico: Planejamento e Gestão da Escola. Revista Educação em Movimento, v. 1, n. 2, maio/ago. 2002, Curitiba: Champagnat, 2002

DELORS, Jacques (org.). Educação um tesouro a descobrir – Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI. Editora Cortez, 7ª edição, 2012.

FLEURI, Reinaldo Matias. *Intercultura e Educação. Revista Brasileira de Educação*. Santa Catarina, n. 23, maio/jun./jul./ago., 2003, p.17

FREIRE, Madalena. *Observação, registro, reflexão: instrumentos metodológicos I*. São Paulo. EP, 1996. p. 39

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000. p.20-21.

JUNQUEIRA, Sérgio Rogério Azevedo. História, legislação e fundamentos do Ensino Religioso. Curitiba: Ibplex, 2008;

JUNQUEIRA, S.R.A. *Por que Ensinar Ensino Religioso na Escola?* Revista Lusófona de Ciências das Religiões. Ano VI, 2007/Nº12. p. 147

KLEIN, Remi. *Práxis do ensino religioso: olhares em perspectivas e novos olhares em formação*. WACHS et al. (Org.). SIMPÓSIO DE ENSINO RELIGIOSO, 2007, São Leopoldo. *Práxis do ensino religioso na escola...* São Leopoldo: EST/Sinodal, 2007; LDBEN – Lei nº 9.394/1996

MADURO, Otto. *Mapas para a festa: reflexões latino-americanas sobre a crise e o conhecimento*. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 29.

MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Rio de Janeiro: Bertrand, Brasil, 2001. p. 21

MORIN, Edgar. *Educação e complexidade: os sete saberes e outros ensaios*, 4 ed. – São Paulo: Cortez: 2007.p.493-499 e 598-558.

MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa; CANCAU, Vera Maria. *Currículo, conhecimento e cultura*. In: BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Indagações sobre o currículo*. Brasília, 2007; p. 15-18 Passim.

RODRIGUES, Edile Maria Fracaro *Fundamentando pedagogicamente o ensino religioso*/ JUNQUEIRA, Sérgio – Curitiba: Editora Ibplex, 2009.p.24-25

SACRISTÁN, J. Gimeno. Currículo e diversidade cultural. In: SILVA, Tomaz Tadeu da, MOREIRA, Antônio Flávio. *Territórios contestados*. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 82-113. Passim

